



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

Dinâmica das atividades de comércio e serviços: uma análise regional a partir de medidas de localização

Dynamics of trade and services activities: a regional analysis based on measurements of location

SILVA, Ariana C.; Aluna Especial do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, Nível de Mestrado; Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
ariana_cericatto@hotmail.com

LIMA, Elaine C.; Mestranda em Economia; Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
elainecarvalhoonline@hotmail.com

LIMA, Érica P. C.; Mestranda em Estudos Urbanos e Regionais; Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
ericaprisillaufnrn@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a dinâmica espacial do setor terciário, representado pelos subsetores do comércio e de serviços, no panorama das regiões brasileiras e tem como variável chave o comportamento do emprego formal. O artigo adota concomitantemente o viés espacial e setorial, com vistas a mostrar como as atividades do setor terciário estão geograficamente localizadas nas regiões. Desta forma, pretende-se indicar as principais transformações na estrutura produtiva, bem como identificar as regiões com maior e menor grau de dinamismo. A pesquisa justifica-se pelo papel do setor terciário para a configuração dos espaços urbanos e a necessidade de políticas urbanas para corrigir os desequilíbrios que porventura existam nessa ordenação territorial. Além da revisão de literatura sobre a temática, utiliza-se como metodologia o Quociente Locacional, indicador que permite constatar a distribuição espacial da variável emprego além de verificar especializações produtivas.

Palavras-chave: Setor terciário. Medidas de localização. Regiões brasileiras.

Abstract

This article aims to analyze the spatial dynamics of the tertiary sector, represented by trade and services subsectors, in the panorama of the Brazilian regions and has as a key variable the formal employment's behavior. The paper adopts concomitantly the spatial and sectoral bias, in order to show how the tertiary sector activities are geographically located in the regions. Therefore, it is intended to indicate major changes in the production structure and identify the regions with higher or lower



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

degree of dynamism. The research is justified by the role of the tertiary sector for the configuration of urban spaces and urban policies need to correct imbalances that may exist in this territorial organization. Besides the literature review on the subject, is used the location quotient methodology, indicator that allows observe the spatial distribution of employment variable and to verify productive specializations.

Keywords: *Tertiary sector. Measures of location. Brazilian regions.*

1 Introdução

A relevância do setor terciário para a geração de emprego e renda e como propulsor de um efeito multiplicador para outros setores vem se acentuando nos últimos anos. Conforme definição utilizada pelo IBGE, o setor terciário é representado pelas atividades de comércio e serviços. Entretanto, o setor engloba atividades de natureza heterogênea no que concernem ao âmbito produtivo, de maturação tecnológica, densidade de capital, entre outras características.

Uma característica presente na produção e no consumo dos serviços é que o setor apresenta uma elasticidade-renda da demanda maior que um e, conseqüentemente, uma elevação da renda implica em um aumento mais do que proporcional na demanda. Isso implica na acentuação das disparidades regionais trazidas pelo setor, visto que as regiões que apresentam um nível de renda *per capita* mais elevado tenderão a ter um setor de serviços mais representativo em relação aos demais setores econômicos.

Atrelado à característica concentradora do setor terciário, a persistência das desigualdades regionais é um fator preocupante e recorrente na discussão de desenvolvimento do país. Embora o Brasil tenha passado por várias modificações na sua estrutura produtiva, sob o efeito do acirramento concorrencial por parte das empresas pela maior abertura comercial do pós-1990, as disparidades espaços-territoriais são visíveis, sejam nos níveis regionais ou em relação às unidades federativas.

Deste modo, a preponderância do setor terciário na estrutura produtiva nacional pode ser um elemento agravante do cenário de disparidades apresentadas nas regiões do Brasil. Ademais, o papel do setor terciário para a economia brasileira faz com que as políticas urbanas sejam essenciais para reverterem possíveis desequilíbrios espaciais.

A partir dos pontos enunciados, o presente estudo adota concomitantemente uma dimensão setorial e espacial, pretendendo-se identificar a distribuição do emprego nas atividades do setor terciário nas regiões brasileiras e mostrar as possíveis distorções regionais presentes na estrutura produtiva.

Neste esforço de pesquisa, o artigo foi estruturado em mais quatro seções. Na primeira, apresenta-se uma breve revisão teórica das principais contribuições acerca da temática do padrão locacional das atividades econômicas. Na segunda seção, são fornecidos argumentos sobre a configuração do setor terciário das regiões brasileiras. Na seção seguinte, apresentam-se a metodologia utilizada, bem como os principais resultados obtidos. Por fim, na última seção são apresentadas as conclusões do trabalho.

2 Teorias fundamentais da localização das atividades econômicas no espaço

Nas atividades de comércio e serviços é fundamental a escolha da localização ótima para se obter sucesso no empreendimento. As discussões sobre o espaço traz a tona o problema regional, que inicialmente está relacionado com as disparidades econômicas entre as regiões de um mesmo espaço regional, tais como: nível de vida, produção, renda, estrutura econômica, etc. (BENKO, 1999). Desse modo, Kon (1999, p. 173) elucida que “o desenvolvimento das atividades produtivas em diferentes regiões assumem papel primordial na determinação das situações de

avanço ou atraso regional”, possibilitando que um espaço possa apresentar condições que o qualifiquem como um polo industrial.

Desde meados do século XIX, há uma preocupação com o espaço e as articulações existentes entre os modos de produção da economia. A escolha do local ideal perpassa pelas discussões da proximidade de matérias-primas, redução dos custos de produção, aumento dos lucros, entre outros fatores.

O enfoque sobre a questão da localização no espaço abrange a distribuição das atividades econômicas numa determinada região. Lipietz (1988) fundamenta sua tese de que as diferenças regionais não ocorrem de um “acaso histórico”, mas sim devido as articulações das estruturas sociais e dos espaços que irão se influenciar. Desse modo, as diferentes interações entre empresas e consumidores nos mais variados espaços irão possibilitar a escolha de determinados lugares em detrimento dos demais.

Nesse sentido, as Teorias de Localização trazem contribuições sobre a localização das atividades econômicas (agrícolas, industriais e serviços) em determinado espaço. Tal teoria tem como objeto o comportamento espacial das empresas, explicando as decisões dos empresários, em um determinado mercado, sobre o melhor sítio a se localizar, visando a minimização dos custos operacionais e maximização dos lucros.

Von Thünen foi um dos iniciadores da análise econômica do espaço, sendo considerado como o “pai das teorias de localização”. Para ele, a localização das unidades produtivas em determinados locais é função de dois fatores que agem de forma contrária: a renda da terra e o custo de transporte. A renda da terra desempenha um papel de dispersão das atividades produtivas na medida em que é menor quanto maior for a distância do mercado central. Enquanto, o custo de transporte, “empurra” no sentido de aglomeração, desempenhando a função de concentrador das atividades em um mercado (BENKO, 1999). Desse modo, a localização das atividades se daria no ponto de equilíbrio entre a renda da terra e o custo do transporte.

Alfred Weber se destacou por propor um modelo de Mínimo Custo, de modo que há fatores gerais que explicam o local de uma empresa, tais quais: os fatores regionais, fatores aglomerativos e fatores desaglomerativos. Os fatores regionais, explicam a escolha da localidade entre as diferentes regiões, como o custo com transporte e com mão-de-obra. Já os fatores aglomerativos e desaglomerativos, permitem explicar a concentração e dispersão das empresas em determinado espaço econômico.

Para Azzoni (1986), as economias de aglomeração se classificam em três tipos: economias de escala (redução dos custos unitários de uma firma, devido a expansão da escala de produção); economias de localização (a proximidade com outras firmas possibilitam redução dos custos unitários); e economia de urbanização (decorre do aumento do nível econômico onde há a localização da empresa). De modo geral:

O fator locacional constitui um ganho, uma redução de custos, que uma atividade econômica obtém, quando se localiza em um dado ponto. Certamente, seus custos totais seriam mais altos em outros locais. (HADDAD, 1989, pag. 78).

Walter Christaller trouxe alguns avanços nas formulações teóricas, pois sua teoria possui um caráter geral que explica não apenas o crescimento de uma cidade individual, mas também o seu entorno. Em sua obra, “Lugares centrais no sul da

Alemanha” em 1933, explica a distribuição das atividades econômicas no espaço, em que o crescimento de uma cidade está condicionado com a especialização dos serviços centrais, de forma que a demanda de tais serviços centrais determinará o crescimento dessa cidade. Assim, conforme a importância das mercadorias e alcance das zonas de comercialização, poderão se desenvolver os lugares centrais, pois:

Alguns bens e serviços são encontrados virtualmente em qualquer lugar. Por menor que seja o lugar, alguns bens e serviços estão sempre disponíveis. Esse é o caso, por exemplo, do pequeno comércio de alimentos. Entretanto, no outro extremo, alguns bens e serviços são encontrados apenas nos grandes centros, tais como serviços profissionais especializados ou *shoppings*. (CLEMENTE, 1994, p. 82).

Desse modo, Christaller constata a existência de uma hierarquia entre os lugares, determinada a partir da oferta de bens e serviços presentes em cada lugar, que está em função da otimização da localização das empresas fornecedoras de serviços produtivos em relação a localização das empresas concorrentes. A centralidade da cidade é caracterizada por determinadas funções, como a oferta de bens e serviços que precisam está localizados centralmente, como o comércio, universidades, serviços bancários, administração pública, etc. A área do entorno dessa localidade central é conhecida como “região complementar”, geralmente é caracterizada por ser uma área agrícola, portanto, a região complementar depende da cidade para obter os bens e serviços necessários, e por outro lado, fornece para a cidade os principais alimentos.

3 O setor terciário: contexto mundial e nacional

Verifica-se uma tendência dos países desenvolvidos concentrarem no setor terciário a maior parcela do PIB e da absorção da força de trabalho. Tal fenômeno ocasionou, a partir da década de 1970, o crescente peso do setor terciário no mercado de trabalho, em contrapartida da redução do emprego industrial. Rowthorn e Ramasvay (1999), ao analisarem a elevação da participação do emprego no setor terciário em países como: EUA e Japão, denominaram esse movimento de “Desindustrialização”. Sendo assim, uma redução persistente da participação do emprego industrial no emprego total de um país ou região. Dessa forma, com base nesse conceito, os países industrializados teriam passado por um forte processo de desindustrialização a partir da década de 1970; ao passo que os da América Latina teriam passado pelo mesmo processo na década de 1990, associado, principalmente, com o período de implantação das políticas neoliberais com mudanças no regime de política econômica.

Tregenna (2009) redefiniu o conceito de desindustrialização como sendo uma situação na qual tanto o emprego industrial como o valor agregado da indústria se reduzem persistentemente, como proporção do emprego total e do PIB, respectivamente. Entretanto, na literatura econômica encontram-se algumas objeções contrárias ao fenômeno da desindustrialização como sendo um processo negativo em relação ao desenvolvimento e crescimento econômico de longo prazo. Nos países desenvolvidos, há uma tendência “natural” à desindustrialização com o processo de desenvolvimento econômico.

Em outras palavras, se há perda de empregos industriais, mas há ganhos de produtividade no setor, além de geração de empregos de produtividade avançada

em outros setores, logo essas modificações são resultados espontâneos da dinâmica do progresso técnico, da produtividade e da demanda, no processo de desenvolvimento econômico de um país avançado. Dessa forma, o setor terciário passa a dominar a atividade dinâmica da economia, para sociedade, em relação à geração de emprego, renda ou ao produto.

O setor terciário apresenta atividades de diferentes níveis de produtividade, englobando desde subsetores do comércio até segmentos de elevada performance tecnológica, a exemplo da tecnologia de informação (TI). Dessa forma, o setor é propulsor para o desenvolvimento econômico, visto que além da geração de emprego e renda, também fornece elementos que dinamizam outros setores, devido aos ganhos de produtividade e pela difusão de inovações tecnológicas e organizacionais.

O desenvolvimento industrial e a urbanização são fatores chaves para se entender o desempenho do setor terciário. A crescente dinamização da indústria, ao impulsionar um maior fluxo de pessoas e atividades nas cidades, acaba por impactar na necessidade de atividades terciárias para atender essa nova realidade.

Desta forma, o modo de produção capitalista ocorre mediante processos de reestruturação produtiva, que além de modificar a produção de mercadorias dos setores industriais e a estrutura de serviços, alteraram o mundo do mercado de trabalho do século XX. O ponto essencial desse fenômeno é que essa difusão de novos modelos produtivos aconteceu de forma lenta e desigual, abrangendo de várias formas os diversos países e regiões, setores e empresas. Ademais, é possível constatar a ocorrência de uma divisão, que além de desigual também é excludente, visto que nem todas as regiões se tornam atrativas para essas atividades.

O processo de desenvolvimento do setor terciário ocorre em consonância de uma crescente importância das atividades para a absorção de mão-de-obra e a crescente diferenciação produtiva dos segmentos relacionados. É certo que o setor tem papel relevante para absorver trabalhadores, entretanto essa crescente especificidade alterou o perfil do mercado de trabalho, visto que a existência de profissionais qualificados é um elemento essencial para atender a expansão das atividades terciárias de um país.

Deste modo, a natureza do setor terciário cria mecanismos de diferenciação e entranha entre os diversos países e/ou regiões. Tal fato decorre da crescente complexidade dos segmentos que, ao impactar no perfil do trabalhador necessário e, conseqüentemente, na própria estrutura interna, tende a segregar as regiões que apresentam internamente uma série de vantagens, das outras regiões que carecem desses fatores e dependem da transferência externa.

No caso brasileiro, o padrão locacional das atividades produtivas é caracterizado por uma elevada diferenciação, reflexo das heterogeneidades presentes nas regiões brasileiras. Essa configuração espacial permite identificar as regiões mais dinâmicas, as que apresentam um leque de serviços mais diversificados, um perfil industrial mais moderno e, portanto, mais vantagens locais. Por outro lado, as regiões que não apresentam esse conjunto de fatores tendem a concentrar atividades tradicionais e com baixo nível de produtividade.

2.1 Estrutura produtiva brasileira no período pós-1980

Nos anos 1980, ocorria no mundo várias mudanças tecnológicas, entre elas, a informática, a microeletrônica, a robótica e as telecomunicações. Internamente, a indústria brasileira passou por um período de intensos desequilíbrios no ambiente macroeconômico e institucional, que resultaram no esgotamento do processo de substituição de importações. Devido a crise fiscal, o Estado que era caracterizado por induzir o desenvolvimento econômico do país, perdeu a capacidade de suplantar os investimentos. Conseqüentemente, a indústria brasileira não era capaz de acompanhar esse novo paradigma produtivo, e ao final desse período, ela se tornou muito defasada em relação as tecnologias de processo e de produto.

A década de 1990 é marcada pela ruptura da trajetória econômica do Brasil, nesse período a indústria brasileira passou por uma fase de forte abertura comercial e financeira, que se opunha a visão que foi dominante até o final dos anos 1980, transformando o padrão de intervenção governamental. O novo ambiente macroeconômico desse período tinha como objetivo a estabilização dos preços, diminuição da intervenção estatal, desregulamentação econômica e privatizações das empresas estatais. Com essas reformas houve uma elevação significativa no coeficiente de importação brasileiro, possibilitando uma maior participação das importações no país.

As mudanças ocorridas no final dos anos 1980, com o processo de reestruturação industrial do Brasil são alvo de grandes debates. Alguns estudos afirmam que a abertura teve uma influência positiva sobre a produtividade, visto que reduziu o custo dos insumos e bens de capital, bem como, incentivou a concorrência entre produtores nacionais e internacionais, de modo que esse choque competitivo fez com que os produtores nacionais tivessem que se modernizar para se adequar ao novo cenário. Ademais, esse movimento de abertura econômica ocasionou uma reestruturação industrial do país, e que teve, entre outros fatores, uma redução no tamanho médio das plantas industriais e uma realocação das indústrias nacionais. Conseqüentemente, o padrão industrial teve seu desempenho atrelado ao novo ambiente político econômico vigente.

Diante deste panorama, o setor terciário ganha importância como um elemento compensador da mão-de-obra não absorvida nos outros setores. Tal tendência pode ser justificada pela incapacidade do setor primário em reter o contingente populacional e, por outro lado, pelas mudanças estruturais da indústria que condicionaram uma produção intensiva em capital e com baixa absorção de mão-de-obra, em face da crescente automatização do setor.

É importante salientar que esse processo evidencia alguns dilemas e desafios da inserção do Brasil em um mundo mais globalizado. Especialmente, destacando-se o fato de que as mudanças técnicas incidem sobre a indústria e os serviços, causando impacto sobre as estruturas ocupacionais e o emprego, e, portanto, traz intrinsecamente alterações na dimensão do espaço da localização econômica, o que pode reforçar os desequilíbrios regionais já existentes.

2.2 O setor terciário no Brasil: o panorama das atividades de comércio e serviços

O setor terciário é bastante representativo para a economia brasileira, atingindo com mais de 66% do PIB nacional em 2010 (ver gráfico 1), com base nos dados do IBGE. No período de 2000 a 2010, tal setor representou aproximadamente 60% do PIB do país. Deste modo, a dinâmica de crescimento econômico do Brasil está

atrelada ao comportamento do setor e sua distribuição espacial configura num importante elemento para a dinâmica regional.

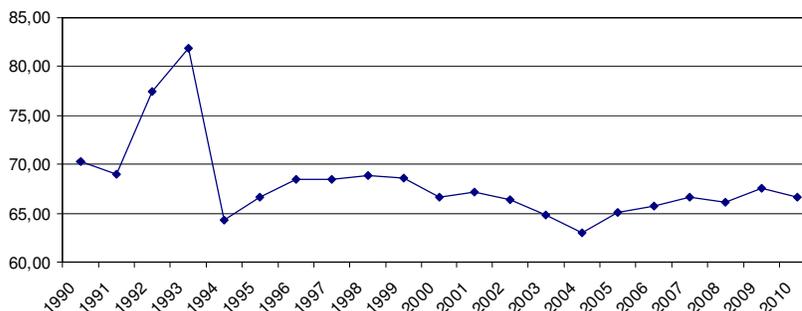


Gráfico 1 - Participação do setor terciário no PIB (%)

Fonte: IPEADATA (2012)

O crescimento urbano brasileiro resultou na crescente oferta de serviços e comércio, ressaltando o papel social dessas atividades para empregar parcela significativa da população e atender as necessidades demandadas pela sociedade. Percebe-se assim o crescimento das atividades bancárias e financeiras, comerciais, do número de hotéis, restaurantes, salões de beleza, entre outras. Como Romero (1976) aponta:

O Setor comercial vem entrando num período de avanços técnicos e estruturais, produzindo-se nele uma situação de transformações aceleradas. A introdução e rápido crescimento dos supermercados, lojas em cadeia e outras inovações, junto com grandes avanços nos sistemas de armazenamento e transporte, permitem manejar um volume bem maior de mercadorias refluído em uma maior participação na formação do produto social. Vários Setores do comércio e serviços apresentam notável modernização, produto das transformações geradas pela economia e de política intencional de áreas do governo. O Turismo é incluído nesse último caso, tanto que o II PND o considera como meta estratégica (ROMERO, 1976, p. 5).

O autor também chama atenção para as evidências que apontam para o reduzido nível de produtividade presente em algumas atividades do setor e a relevância de se criar mecanismos que sinalizem a importância do terciário para o desenvolvimento do país. Deste modo, o autor sugere políticas que compatibilizem todos os setores econômicos, a fim de que o comércio e serviços se integrem às demais atividades.

O setor de comércio, a partir de 1990, apresentou grandes transformações no que se referem a uma maior concentração do setor, resultado de um maior peso dos grandes grupos que adquiriram as pequenas e médias redes comerciais, uma crescente concorrência e a entrada maciça de grupos internacionais. Quando analisa-se o comércio varejista, as mudanças ocorridas resultaram no aumento das participações dos segmentos de hipermercados, supermercados e combustíveis no faturamento do setor (LEMOS et al, 2002). Como os autores apontam:

O aumento da participação dos hiper/supermercados ao longo da década indica uma mudança estrutural no varejo, com a substituição do comércio

pulverizado em pequenos estabelecimentos pelos supermercados, que possuem linha de produtos mais ampla e diversificada e preços menores. Além disso, é importante destacar nos hiper/supermercados a tendência referente à maior diversificação na linha de produtos: passando a vender bens de consumo duráveis, tais como eletrodomésticos, móveis, computadores, roupas, brinquedos etc., e ocupar parcela do mercado das lojas de departamento, móveis e eletrodomésticos (LEMOS, et al, 2002, p. 3).

3 Metodologia

Para a realização do presente trabalho utilizou-se as medidas de localização que são medidas de natureza setorial e se preocupam com a localização das atividades entre as regiões. O principal objetivo é identificar padrões de concentração ou dispersão espacial da variável-base do emprego, nos anos de 1990, 2000 e 2010. Os dados foram obtidos junto a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Com vistas a analisar o perfil urbano e a distribuição do emprego regional nos diversos setores, elaboraram-se indicadores para sustentar os argumentos citados e verificar as possíveis modificações locacionais.

3.1 A matriz de informações

As informações podem ser organizadas em uma matriz, na qual cada linha mostra a distribuição total do emprego de uma dada indústria, setor ou atividade entre as diferentes regiões de um país ou estado, e cada coluna mostra como o emprego total de uma dada região se distribui entre os seus diferentes setores industriais ou atividades.

Para a construção da matriz define-se:

E_{ij} = emprego no setor i da região j ;

$E_{.j} = \sum_i E_{ij}$ = emprego em todos os setores da região j ;

$E_{i.} = \sum_j E_{ij}$ = emprego no setor i de todas as regiões;

$E_{..} = \sum_i \sum_j E_{ij}$ = emprego em todos os setores de todas as regiões.

Assim, pode-se apresentar a matriz de informação da seguinte forma:

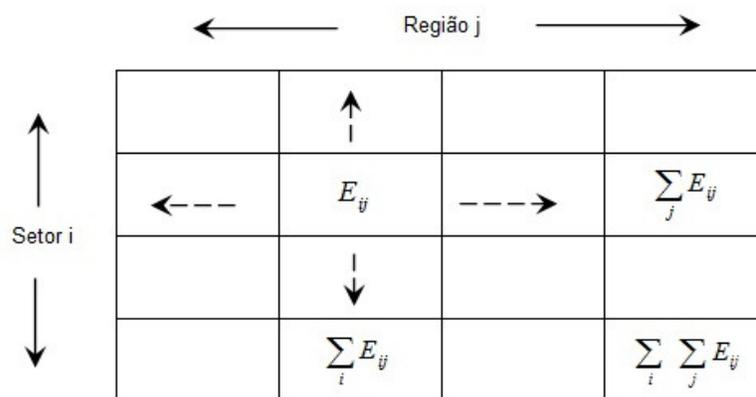


Figura 1 – Matriz de Informação

Fonte: Adaptado pelas autoras com base em Haddad (1989).

A partir dessa matriz, são derivadas outras duas que mostram, em termos percentuais, a distribuição do emprego em cada região por setor produtivo, e a distribuição do emprego de cada setor produtivo entre as regiões:

$$i^e j = \frac{E_{ij}}{\sum_i E_{ij}} \quad (1)$$

$$j^e i = \frac{E_{ij}}{\sum_j E_{ij}} \quad (2)$$

sendo: $\sum_i i^e j = 1,00$; $\sum_j j^e i = 1,00$; $i^e . = \sum_j i^e j$; e $j^e . = \sum_i j^e i$

3.2 Medidas de localização

Para a realização do presente trabalho utilizou-se as medidas de localização para análise dos setores econômicos entre as regiões. As medidas de localização são medidas de natureza setorial e se preocupam com a localização dos setores econômicos entre as regiões. O principal objetivo é identificar padrões de concentração ou dispersão espacial do emprego.

Os dados foram obtidos junto a Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE).

3.2.1 Quociente locacional

O quociente locacional do setor i na região j é definido como:

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij}/E_i}{E_{.j}/E_{..}} \quad (3)$$

O quociente locacional (QL) compara a participação percentual de uma região, em um dos setores, com a participação percentual da mesma região, no total do emprego. Se o valor do quociente for maior do que 1, isto significa que a região é, relativamente, mais importante no contexto nacional, em termos do setor, do que em termos gerais de todos os setores.

4. Resultados e discussão

4.1 Mudanças estruturais nas regiões brasileiras

A região Centro-Oeste demonstrou uma maior potencialidade para a atividade de Serviços em 1990, no entanto reduziu significativamente sua participação ao longo das últimas décadas. Seu QL era igual a 2,09 em 1990, passou para 1,59 em 2000 chegando a 1,29 em 2010. Pode-se evidenciar que a região Centro-Oeste reduziu sua concentração no setor de serviços, como ilustra a figura 2.

Assim como o setor de Serviços, o setor de Comércio apresentou queda de concentração na região, mas manteve o $QL > 1,00$. A atividade da Indústria foi a única que apresentou crescimento constante nos três períodos analisados, o que não foi suficiente para demonstrar especialização nesse setor pela região Centro-Oeste, já que o QL foi menor que 1,00 nos três períodos.

O setor mais concentrado na região é a Agricultura, que apresentou QL igual a 2,46 em 2010, e empregou um total de 238.267 trabalhadores no mesmo período. A alta especialização da região no setor agrícola pode ser explicada pelos altos investimentos direcionados principalmente a produção de soja.

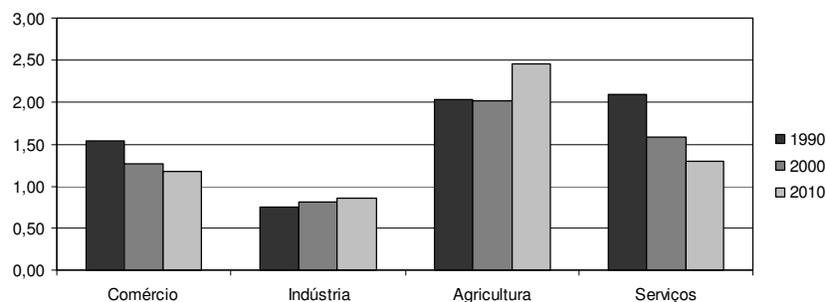


Figura 2 – Quociente Locacional dos setores econômicos para a Região Centro-Oeste em, 1990, 2000 e 2010

Fonte: Resultado da Pesquisa.

A região Norte apresentou concentração nos setores do Comércio e de Serviços, com $QL > 1,00$ nos três períodos analisados, conforme Figura 3. Evidencia-se que a região vem se especializando no setor terciário da economia.

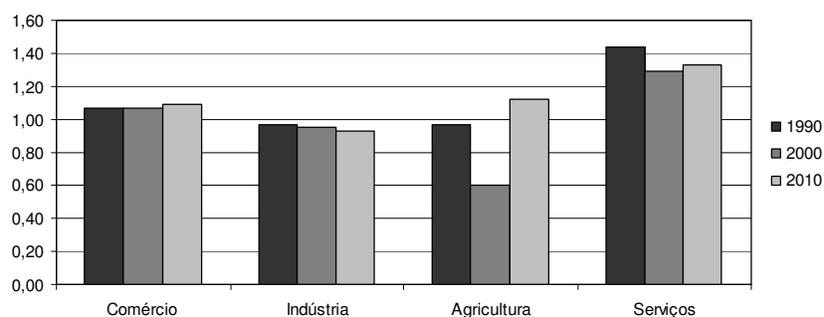


Figura 3 – Quociente Locacional dos setores econômicos para a Região Norte em, 1990, 2000 e 2010

Fonte: Resultado da Pesquisa.

A Indústria na região apresentou ligeira queda de participação, não atingindo $QL \geq 1,00$ em nenhum dos períodos analisados. A agricultura que apresentava um QL igual a 0,97 em 1990, demonstrou expressiva queda em 2000 com QL igual a 0,60, mas em 2010 revelou um QL igual a 1,12, demonstrando especialização da região no setor agrícola.

A região Nordeste apresentou uma concentração equilibrada e com pouca oscilação, onde os setores do Comércio, Agricultura e Serviços, apresentaram queda no valor do QL no período analisado, embora nenhum destes setores tenham deixado de apresentar concentração.

O comércio apresentava QL igual a 1,07; 1,05 e 1,02 nos períodos de 1990, 2000 e 2010 respectivamente. A agricultura, com uma especialização um pouco maior, apresentava QL igual a 1,14 em 1990, 1,12 em 2000 e 1,05 em 2010. O setor de Serviços, atividade com maior concentração na região Nordeste apresentou QL igual a 1,47; 1,32 e 1,25 em 1990, 2000 e 2010, respectivamente.

A Indústria demonstrou ligeiro crescimento de 2000 para 2010, o que não foi suficiente para mostrar especialização no setor, já que o QL permaneceu inferior a 1,00.

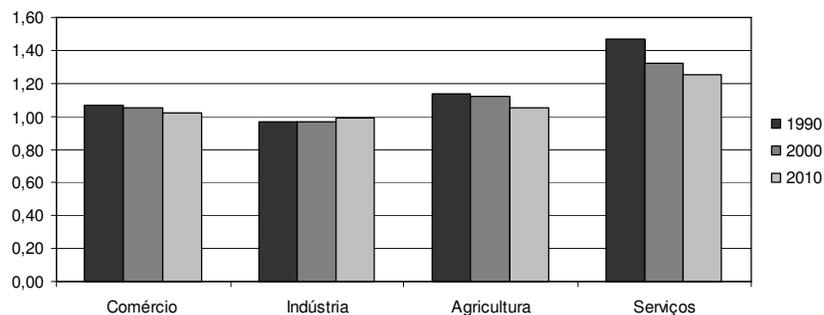


Figura 4 – Quociente Locacional dos setores econômicos para a Região Nordeste em, 1990, 2000 e 2010

Fonte: Resultado da Pesquisa.

A região Sul perdeu participação nos setores de Agricultura e de Serviços. Na Agricultura o QL que era 0,91 em 1990, caiu para 0,82 em 2000 e 0,78 em 2010. Já o setor de serviços que apresentava QL igual a 0,83 em 1990, reduziu para 0,71 em 2000 e 0,69 em 2010. Demonstrando que a região não está concentrada nesses setores, já que os resultados para o Quociente de Localização se mostraram inferiores a 1,00.

A região Sul demonstrou uma significativa queda na concentração do setor de Comércio de 1990 para 2000 e uma pequena recuperação em 2010. No setor Industrial a região se mostrou mais especializada com $QL > 1,00$ em 2000 e 2010.

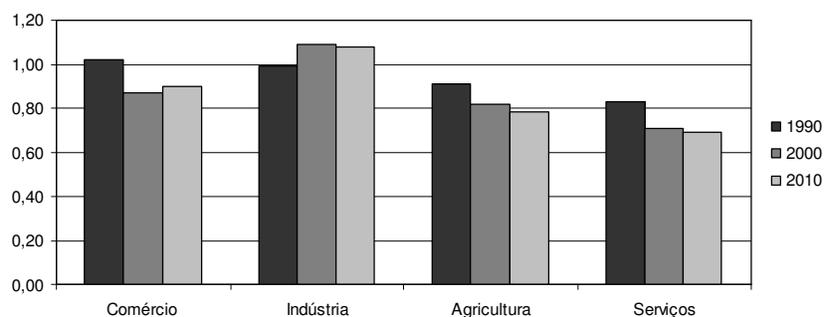


Figura 5 – Quociente Locacional dos setores econômicos para a Região Sul em, 1990, 2000 e 2010

Fonte: Resultado da Pesquisa.

Na Região Sudeste verificou-se uma inversão de concentração do setor da Agricultura para o setor de Serviços, ou seja, a região deixou de se especializar na Agricultura e passou a se especializar em Serviços, como se visualiza na Figura 6.

Em 1990, o setor da Agricultura apresentava QL igual a 0,99 enquanto o setor de Serviços 0,86. No ano 2000, o setor da Agricultura reduziu seu QL para 0,96 e o setor de Serviços apresentou aumento, com QL igual a 0,95. Em 2010 o setor de Serviços cresce novamente e atinge QL igual a 0,98 ao contrário da Agricultura que decresce novamente chegando a apresentar QL igual a 0,87.

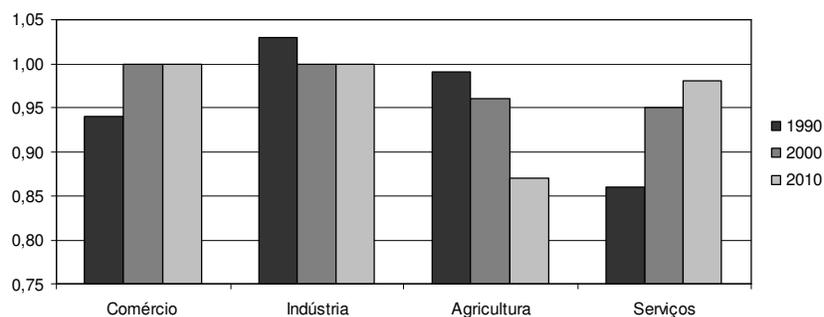


Figura 6 – Quociente Locacional dos setores econômicos para a Região Sudeste em, 1990, 2000 e 2010

Fonte: Resultado da Pesquisa.

Para o setor do Comércio e Indústria verificou-se concentração estável, com um aumento do setor de Comércio de 1990 para 2000 e 2010, atingindo QL igual a

1,00 nos dois últimos períodos. Já a Indústria apresentou uma queda no QL de 1,03 em 1990 para 1,00 em 2000 e 2010.

Através dos resultados é possível verificar que o setor terciário apresenta concentração em quase todas as regiões do país. Nas regiões Sul e Sudeste a concentração nesse setor não é mais elevada por conta da especialização dessas regiões no setor Industrial.

5 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo principal analisar a dinâmica espacial dos setores econômicos, com ênfase no setor terciário, entre as regiões brasileiras nos anos de 1990, 2000 e 2010. Utilizaram-se os coeficientes locacionais para indicar as mudanças e tendências espaciais no que concerne o comportamento do emprego formal nas regiões.

O crescimento do setor terciário no Brasil, resultado da intensificação da urbanização e da crescente necessidade da oferta de serviços para a sociedade, acentuou a pertinência de se compreender como esse setor está localizado no território nacional. Aliado a isso, a característica do setor em se concentrar regionalmente pode contribuir para uma acentuação das desigualdades regionais, um problema persistente no caso brasileiro.

Os resultados corroboram para um aprofundamento da concentração de atividades mais dinâmicas, como a indústria, nas regiões mais desenvolvidas: Sudeste e Sul. Ademais, o período pós-1990 acentuou essa divisão desigual entre as regiões e indicou a tendência do setor terciário em se concentrar no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Tal movimento pode ser justificado pela predominância de atividades terciárias de baixa produtividade nessas regiões.

Em geral, verificou-se que o padrão de concentração dos setores econômicos no Brasil é heterogêneo, reflexo da elevada diferenciação entre as regiões. Os resultados do QL mostraram que as regiões Sul e Sudeste concentram mais empregos nos setores da Indústria e do Comércio, e em contrapartida a Agricultura vêm perdendo dinamismo nessas duas regiões.

Nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste os setores que demonstraram maior concentração foram os setores de Serviços e Comércio, os quais compõem o setor terciário. É necessário destacar a alta concentração do setor da Agricultura na região Centro-Oeste, região que compõe a última fronteira agrícola do país.

Em síntese, a heterogeneidade intrínseca do setor terciário faz emergir a necessidade de fomentar políticas urbanas que potencializem o setor nas regiões como menor dinamismo e corrija esse desequilíbrio geográfico existente. No Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que são as que mais concentram a atividade terciária, é preciso agregar ao setor um maior nível de produtividade, de modo que potencialize toda a estrutura produtiva e dissemine esse dinamismo em todo território brasileiro.

Referências

AZZONI, C.R. **Indústria e reversão da polarização no Brasil**. São Paulo: IPE-USP, 1986.

BENKO, G. **A Ciência Regional**. Oeiras (PO), 1999.

CLEMENTE, A. **Economia regional e urbana**. São Paulo: Atlas, 1994.

HADDAD, P. R.; ANDRADE, T. A.; Métodos de Análise Regional. In: HADDAD, P. R. et al Org. **Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. ETENE, 1989.

IPEADATA (2012). Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada (2012). Base de dados macroeconômicos. Disponível: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em 15 de setembro de 2012.

KON, A. **Economia Industrial**. São Paulo, Nobel, 1999.

LEMONS, M. L; ROSA, S. E. S; TAVARES, M. M. **Os setores de comércio e de serviços**. 2002. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_setorial/setorial07.pdf>. Acesso em 18 de setembro de 2012

LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1987.

RAIS (2012). Relatório Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e do Emprego.

ROMERO, Carlos Cortez (1976). **O setor terciário na economia brasileira**. Boletim técnico do SENAC, v. 2, n. 3. Disponível em: <<http://biblioteca.senac.br/fulltext/pdf/0203265280.pdf>>. Acesso em 17 de setembro de 2012.

ROWTHORN, R; RAMASWAMY, R. (1999). **Growth, trade and deindustrialization**. International Monetary Fund, IMF Staff Papers, vol. 46, n. 1, march.

TREGENNA, F. (2009). **Characterizing deindustrialization: an analysis of changes in manufacturing employment and output internationally**. Cambridge Journal of Economics, Vol. 33 (3) p. 433-466